



TRADUÇÃO & CULTURA CONTEMPORANEIDADE

ORGANIZADORAS

Ana Maria de Moura Schäffer
Rosa Maria Olher

Ana Maria de Moura Schäffer
Rosa Maria Olher
(Orgs.)

***TRADUÇÃO, CULTURA &
CONTEMPORANEIDADE***

1ª edição

Maringá, PR
Edição da Autora

2013

Copyright©2013 Ana Maria de Moura Schäffer

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, incluídos textos, imagens e desenhos, por qualquer meio, quer por sistemas gráficos, reprográficos, fotográficos, etc., assim como memorização e/ou recuperação parcial ou inclusão deste trabalho em qualquer sistema ou arquivo de processamento de dados, sem prévia autorização escrita da autora e da editora, sujeitando o infrator às penas da lei disciplinadora da espécie.

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

Editoração: Ana Maria de Moura Schäffer
Projeto gráfico: Ana Maria de Moura Schäffer
Capa: Patrick Ferreira
Revisão: Ana Maria de Moura Schäffer

Ficha catalográfica

Olh34 Olher, Rosa Maria, Schäffer, Ana M.
Moura.

Tradução, cultura &
contemporaneidade/ Rosa Maria Olher –
Maringá, PR: Edição da Autora, 2013.
279 p.

Bibliografia

ISBN: 978-85-914247-0-2

1. Tradução—2. Legendagem—3. Tradução
Literária—4. Paratradução
I. Título

CDD: 418.02

15 – TRADUÇÃO E PARATRADUÇÃO EM *KALILA E DIMNA* E *O LIVRO DO TIGRE E DO RAPOSO*

Ronaldo Lima* (UFSC)

Introdução

Focaliza-se, neste artigo, o paratexto a partir do exame de percursos tradutológicos desenvolvidos e aplicados por Mamede Jarouche na retextualização de duas obras clássicas da literatura de língua árabe, a saber: *Kalila e Dimna* (sec. VIII d.C.), de Ibn Almuquaffa^c (724-d.C.), publicada em 2005; e o *Livro do Tigre e do Raposo*, de Sahl Bin Harun (830-d.C.), lançada em 2010. Os procedimentos adotados pelo tradutor oferecem informações integradas ao texto-base que, como observa Faleiros (2012), concedem sangue novo à obra fenecida. Sob esta ótica, aponta-se o papel dos prefácios, das notas explicativas, bem como a exploração de recursos intertextuais, tais como as alusões, no processo de tradução. Em suma, aspectos situados no cerne dos espaços discursivos multiculturais em diálogo, mediados pelo tradutor.

A tradução, o paratexto e a paratradução

No escopo deste artigo, nomeia-se *autor-tradutor* aquele que retextualiza de forma criativa e que, por meio de produção pessoal, integrada ao texto-base, explicita seus percursos tradutológicos, bem como suas opções diante, ao mesmo tempo, das restrições inerentes à tradução de forma geral, e ao material traduzido de forma específica. Sob esta

* Doutor pela Université de Nice - Sophia Antipolis, França, 1995. Pós-Doutor junto ao Departamento de Letras Orientais da Universidade de São Paulo, USP e a School of International Languages, Literatures, and Cultures, University of Arizona, Tucson, USA, 2012. Professor efetivo do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras e da Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. Contato: <http://www.pget.ufsc.br/>

ótica, o paratexto que emerge do trabalho de tradução de textos literários clássicos constitui obra autoral, mas indissociável do texto principal do qual emergiu e para o qual foi elaborada. Os procedimentos empregados para explicitar formalmente uma parcela deste material, bem como os recursos adotados pelo tradutor para fazê-lo, integram o processo de paratradução¹.

As demandas entre texto traduzido e paratextos parecem se acentuar quando concernem a composições cujos chamados *originais* declinaram à força das corrosões decorrentes da inexorabilidade do tempo. Trata-se de obras cuja sobrevida foi garantida por cópias e traduções que, a seu turno, também envelheceram, tornando-se igualmente objeto de degradações naturais e de manipulações humanas de ordem política e cultural. Aceita-se, pois, a premissa de que, se por um lado as traduções e versões garantem a sobrevida do texto; por outro, também promovem derivas, fazendo com que os escritos se transformem, se ramifiquem, se entrelacem, a ponto de gerar obras aparentemente inéditas, como é o caso das diversas produções que brotaram a partir dos rastros de Pañcatantra, entre as quais a versão árabe-persa *Kalila e Dimna* que, por sua vez, incitou a elaboração de *o Livro do Tigre e do Raposo* estreitamente ligado aos tons da cultura islâmica.

¹ Amplia-se aqui o conceito apresentado por Yuste Frías (2010) para além das relações entre texto verbal e texto imagético. Coloca-se no mesmo patamar um texto verbal circunscrito por imagens e um texto verbal envolto por paratextos. Para Yuste Frías (2010, p.295) “[...] a paratradução supõe sempre um espaço <EN PARA> de leitura interpretativa e de escrita paratradutiva <ENTRE> diferentes códigos semióticos produtores ou reguladores de sentido de ordem simbólica que entram em relação INTERsemiótica ou MULTIssemiótica para transmitir em conjunto o sentido. O exemplo típico de relação intersemiótica em tradução sempre foi o caso do código verbal de um texto a ser traduzido que se une ao código visual de um peritexto icônico.” A tradução das relações intersemióticas que se estabelecem entre o código verbal e o código visual se atualiza metatextualmente graças ao *modus operandi* da paratradução.

Tradução e paratradução...

Como uma espécie de efeito cascata, os dois clássicos da literatura árabe também influenciaram – assim como Esopo (VII-VI a.C.) e Fedro (30/15 a.C. – 44/50 d.C.) – fabulistas como Jean de La fontaine (1621-1695). Tais elos, bem como as metamorfoses decorrentes, justificam os empenhos dos estudiosos em resgatar textos e compilá-los, fixar versões e traduzi-las, com vistas a comparar com outras traduções e, finalmente, oferecer novas obras à leitura. Estes percursos se refletem nos dois trabalhos aqui referenciados, realizados por Mamede Jarouche.

A partir dos diálogos estabelecidos entre o texto traduzido e a explicitação dos percursos e escolhas adotados para fazê-lo, se ergue a noção de *paratradução*, ou seja, um texto cujos processos interpretativos se completam a partir de informações anexas oferecidas nos paratextos do tradutor. As bases dessa abordagem refletem a retomada de uma tendência em desenvolvimento na área dos Estudos da Interpretação e da Tradução com vistas a promover, por intermédio de textos explicativos integrados aos textos-base, não somente a exposição do trabalho implícito realizado pelo tradutor, mas, sobretudo, subsídios à leitura. Tal recurso se torna ainda mais premente no caso de obras cuja apreensão depende do conhecimento de seus entornos culturais, linguísticos e políticos. No Brasil, por exemplo, tradutores do século XIX (cf. Yee & Lima, 2010) como Odorico Mendes (1799-1864) já adotavam o paratexto como recurso tradutológico. Em sua tradução da *Ilíada* de Homero, Odorico Mendes apresenta inclusive, principalmente em seu prólogo, os rudimentos de um modelo teórico pessoal que, aliás, permeia todos os seus outros trabalhos. Para Odorico, através de textos elucidativos, anexos à obra, torna-se possível justificar parte das decisões tradutológicas que, segundo ele, são fundamentais à interpretação de singularidades do texto. O paratexto exerce papel duplo e complementar, posto que ao mesmo tempo prepara: (i) o leitor à abordagem da obra traduzida e; (ii) a obra traduzida

à abordagem do leitor.

No século XX, Guilherme de Almeida (1890-1969) também desenvolveu procedimentos de natureza similar. Na primeira década do século XXI, Mamede Jarouche se tornou uma referência por seu trabalho de tradução e paratradução, cujas mostras se estendem não somente às duas obras já citadas, mas a outros trabalhos de sua autoria, entre os quais os quatro volumes de: *As Mil e uma Noites* (2005, 2005, 2007, 2012), e *O leão e o chacal mergulhador* (2009).

No caso de obras clássicas antigas, o recurso ao paratexto se torna ainda mais premente diante da necessidade de modulação de aspectos afetados por descompassos que operam sobre as coordenadas de tempo e espaço, seja em termos de flutuações de sentido motivadas diacronicamente, isto é, desde a obra-base até os estágios atuais de compreensão, seja em relação a sobreposições sincrônicas referentes às realidades linguísticas específicas a cada grupo de leitores. A mediação cultural – tratada aqui a partir de metáfora emprestada a Barthes (2006) em sua obra *O Prazer do texto* – situa-se nos espaços em que ocorrem as fricções geradas dos diálogos entre margens (fonte/alvo). No caso específico dos dois textos clássicos em língua árabe traduzidos por Mamede Jarouche (2005, 2010). Além dos distanciamentos temporais e espaciais a serem considerados, há variações de natureza linguística, cultural e política, cujos rastros, por vezes tênues, tornam opacas as tentativas de interpretação por parte do leitor comum. Um exemplo concerne às palavras e expressões cuja tradução é tão somente aproximativa. Na nota 10, do conto de O Maçado e o Cágado, p. 169, de Kalila e Dimna:

[...] quanto a ver os familiares e demais aparentados, o palhaço que atua no alto de um palanque¹⁰ vê muito mais do que não é visto pelos olhos dos familiares e aparentados; [...] (KD, p. 169).

Nota 10: “palhaço”. A tradução dessa palavra é

Tradução e paratradução...

problemática: Miquel usa “bateleur”; a tradução espanhola, “el que juega”; Guidi sugere “acrobata”; Cheikho, “jongleur”; Ibn Manzur apresenta a seguinte definição: “aquele que tem por ofício a diversão; o dicionário da Academia do Cairo, entre outros sentidos, dá o de “domador”; Dozy, citando Pedro de Alcalá, escreve: bouffon, mime (representador de momos, le fém. moma contrahazedora).

O trabalho paratextual oferecido pelo autor-tradutor, enquanto mediador cultural para a resolução de impasses, naturalmente não exaure, na obra editada, a miscelânea de pontos cujos passos para seu tratamento poderiam ser explicitados e aprofundados. Todavia, o paratexto contempla parte das informações indispensáveis às primeiras abordagens do texto.

De modo quase monolítico, paratexto e retextualização criativa circunscrevem os invólucros culturais necessários à interpretação imediata do corpo textual editado. Eventuais aspectos não declarados nos adendos permanecerão como apanágio do tradutor, não somente por limites de espaço em relação às páginas da obra impressa, mas por se tratar de materiais de pesquisa que, naturalmente, envolvem a ampla gama de pontos presentes no processo tradutológico. Mamede Jarouche, por exemplo, nas 89 páginas de texto de o *Livro do Tigre e do Raposo*, apresenta 166 notas. Somam-se ainda a estas mais 20 notas ligadas ao prefácio dedicado ao autor e sua obra, além de apontamentos sobre a tradução. De fato, há quase um equilíbrio entre os volumes textuais do autor Sahl Bin Harun, e do autor-tradutor Mamede Jarouche. Por sua vez, em *Kalila e Dimna*, para as 30 páginas de prefácio são apresentadas 46 notas de rodapé, além de quatro páginas de notas sobre a tradução. Em relação ao corpo do texto, dividido em capítulos ao longo de 283 páginas, o tradutor apresenta 617 notas. Tal volume é constituído de informações pinçadas como resposta às principais necessidades do leitor.

Conciliação entre abordagens extensivas e pontuais

À luz das orientações de Bakhtin (1970), acata-se, no escopo desta investigação, a noção de texto como materialidade discursiva. Por conseguinte, tal concepção naturalmente ultrapassa a simples expressão linguística, ampliando seus domínios (do texto) a outras linguagens estéticas de cunho comunicativo. Em outros termos, o texto, enquanto componente expressivo, concerne a todas as modalidades semióticas a partir do instante em que representa algo para alguém em algum aspecto ou sentido, em consonância com as orientações de Peirce (1966).

As ilustrações que acompanham determinadas obras, como por exemplo, a capa de o *Livro do Tigre e do Raposo*, interferem sobremaneira na interpretação de elementos presentes na narrativa e, por conseguinte, no processo de construção de representações dos universos diegéticos sugeridos no texto, caracterizando trocas de sentido entre modalidades semióticas. A intertextualidade (cf. Kristeva, 1976, 1974, 1969), como recurso inerente à linguagem, concerne a todas as semioses, explicitando a essência dialógica do discurso e constituindo mecanismo de base tanto à interpretação e (re)definição de cenas e personagens, quanto à atividade de retextualização criativa, como é o caso das duas obras traduzidas por Mamede Jarouche (2010, 2005) aqui referidas. A noção bakhtiniana de dialogismo - e por extensão de intertextualidade - enquanto propriedade intrínseca à linguagem é igualmente discutida à luz de óticas extensivas defendidas por teóricos como Kristeva (1976, 1974, 1969), Barthes (1973), Riffaterre (1979), Adam (2005), entre outros. O diálogo entre discursos, ou entre sujeitos constituídos no discurso, pressupõe diferentes graus de fricção, sobretudo no sentido barthiniano, acima empregado, ou seja, de Barthes (2006). As diferentes intensidades, bem como resultados decorrentes desses encontros serão tantos, quantas forem as margens postas em diálogo.

A convergência de componentes culturais em torno de pontos comuns configuram comunidades sem, todavia, refletir harmonia. Como destaca Barthes (2007), para cada concentração de poder fenecido há sempre outro à espreita, pronto a ressurgir a qualquer instante, passível de substituir o primeiro em proporções similares. Tal metáfora busca induzir que os discursos se inscrevem uns nos outros, marcando investidas para, ao mesmo tempo: (i) proceder à emulação (cf. Faleiros, 2012) e; (ii) ativar processo de ressurreição, ou seja, imprimir, nos discursos do outro, tons, cores e olhares daqueles que o recriam, tal como se verifica no trabalho de Sahl Bin Harun ao buscar realçar o tom islâmico da linguagem em o *Livro do Tigre e do Raposo*, introduzindo em seus textos, versos de poetas caros à tradição árabe, conforme observa Mamede Jarouche (2010) em seu prefácio à obra.

A polifonia destacada por Bakhtin (1970), que sugere a multiplicidade de vozes como essência de todo e qualquer texto (não monofônico), no caso das obras traduzidas por Mamede Jarouche, remete aos registros realizados por várias vozes atuando sobre composições geradas a partir de uma vertente comum, como é o caso, por exemplo, de *As mil e uma Noites*, do *Pañcatantra* e, igualmente, de *Kalila e Dimna* e de o *Livro do Tigre e do Raposo*. Sob esta perspectiva generalizante, também chamada de extensiva (cf. Samoyaut, 2008), reitera-se que autores como Kristeva (1976, 1974, 1969), Barthes (1973), Riffaterre (1979), Adam (2005), já referidos acima, discutem dialogicamente a noção de intertextualidade, tornando-a, todavia, demasiadamente instável diante de demandas pontuais em voga em atividades como a tradução e a paratradução. Naturalmente, face às considerações suprarrealizadas, acata-se que, ao traduzir, Mamede Jarouche instaura espaço paratradutivo e se torna mais uma voz presente nas obras recriadas, o que lhe confere o status de tradutor e autor. Tanto sua retextualização criativa,

quanto seus paratextos passam a integrar as próprias referências que serviram de base para seu trabalho tradutológico.

Em resposta aos modelos dialógicos, estudiosos como Berman (2002, 1995), e mais precisamente Genette (2009, 1982), apresentam propostas categorizantes, centradas, entre outros, sobre procedimentos de análise que acentuam o processo intertextual acima destacado, isto é, por seus peritextos. Genette, por exemplo, centra seus esforços tanto sobre os entornos imediatos do texto, quanto sobre atividades indiretas, ligadas ao processo criativo da obra de base e da obra retextualizada.

Yuste Frías (2010), situado entre o modelo extensivo e as escolas de orientação sistemática, adota postura similar a de Bataille (1929) em sua investida para amortecer os embates entre as correntes de orientação dialógica e aquelas de vertente pontual, ou seja, oferece propostas que buscam promover harmonia entre as duas vertentes - a extensiva e a sistemática². Neste sentido, propõem leques de possibilidades para o tratamento de fenômenos paratextuais através de categorias para análises flexíveis, adaptadas às necessidades que emergem de cada trabalho. Sob este prisma conciliador, os fenômenos intertextuais passam a ser examinados à luz de postulados sistemáticos sem, todavia, pressupor recusa à postura dialógica. As abordagens de cunho filosófico, voltadas à discussão de fenômenos intertextuais reafirmam sua importância, pois constituem recursos essenciais, principalmente nos casos em que os limites da compreensão da presença de textos em outros textos ultrapassam as estratificações de caráter restrito e se abrem às discussões filosóficas sobre a linguagem e sua complexidade inerente.

² Samoyault (2008) utiliza a designação "restrita". O termo nos pareceu, todavia, gerar ambiguidade. Trata-se de um modelo que prevê o estabelecimento de categorias, isto é, de taxonomias organizadas com vistas a distinguir os fenômenos decorrentes das relações entre textos.

Tradução e paratradução...

A rigidez de posturas adotadas a partir da segunda metade do século XIX, para a definição e tratamento de objetos de estudo, que incidiram sobre a instauração de epistemologias para as ciências, acabou por gerar modelos de difícil aplicação, principalmente na área das ciências da linguagem, compreendendo mais recentemente os Estudos da Interpretação e da Tradução, enquanto disciplinas. A cientificidade textual passível de ser destacada em obras como *Kalila e Dimna* ou o *Livro do Tigre e do Raposo*, concerne à tradutologia, à linguística, à nova história, à antropologia, bem como às geografias, sobretudo àquelas que emergem dos universos diegéticos da narrativa, em sendo literárias. Neste sentido, a paratradução exerce o papel de embreagem (cf. Jakobson, 1963), espécie de modulador entre objetos aparentemente fenecidos e aqueles ávidos e prontos a florescer.

Delimitar, estratificar e dissecar partes de um todo, excluindo-as dos ambientes em que se manifestam e, sobretudo, atribuindo-lhes roupagens matemáticas, tal como observa Bataille (1929-1930) em seu texto intitulado *Informe*, não condiz com a dinamicidade que envolve as línguas por si só e, em especial em suas relações. Ao tradutor se faz necessário o tratamento de quaisquer movimentos que se destaquem a partir dos encontros culturais, como é o caso dos dois textos, aqui referidos, trabalhados por Mamede Jarouche. As estratificações incitadas por orientações teóricas nem sempre correspondem às realidades das manifestações. Como observa Bataille (ibid.), todavia, afirmar que o universo não se parece com nada e que é composto somente por objetos disformes, equivaleria a dizer que as realidades são inapreensíveis. Tal posicionamento não traria nenhuma contribuição para o crescimento científico e inviabilizaria quaisquer estudos. Surge, então, a proposta de agir entre duas margens e, nesse sentido, os procedimentos de Mamede Jarouche se desenvolvem tanto em resposta (i) às obrigações situadas

nos bastidores da atividade tradutória – leia-se “das políticas editoriais”; (ii) quanto em relação aos compromissos de zelar pelo caráter estrangeiro do texto-base, pontuando aspectos históricos, culturais e linguísticos por vezes inacessíveis aos olhares do leitor comum. Para Barthes (2006), o turbilhão gerado pelo encontro entre forças dinâmogênicas em fricção constitui o ponto do qual emergem as novas formas que fogem às endogenias.

O paratexto, enquanto modalidade semiótica engloba uma série de recursos que tem como característica comum o fato de *fazer referência a [...]*. Genette (2009, 1982) situa o paratexto em patamar hiponímico ao aceitar a intertextualidade como categoria hiperonímica. Enquanto fenômeno dialógico, a intertextualidade discutida por Bakhtin (1970), Kristeva (1976, 1974, 1969), Barthes (1973), Riffaterre (1979), Adam (2005), se aproxima da crítica filosófica. As categorizações propostas por Genette (2009, 1982), por outro lado, decorrem da necessidade de se resgatar parcela da sistematicidade abandonada por perspectivas ditas pós-modernas, essencialmente dialógicas, decorrentes dos modelos de cunho estruturalista.

As escolas de linha desconstrutivista, por exemplo, como já apontado, acabaram por lançar propostas demasiadamente abertas a ponto de gerar dificuldades em se estabelecer parâmetros de suporte as análises, sobretudo no que concerne a atividades cujas aplicações são efetivas, como a prática tradutológica. Neste sentido, orientações conciliadoras como as de Bataille (1929-1930), em referência específica ao seu texto *Informe*, se apresentam como agentes mediadores entre teorias aparentemente situadas em pólos opostos. A égide do *syllabus* de Bataille, que aponta para o estabelecimento de acordos e harmonias - diferentemente de equilíbrio à ótica lacaniana³ - o paratexto

³ À ótica de Lacan, equilíbrio pressupõe oposição entre duas ou mais potências, instaurando, por *default*, processos de tensão.

Tradução e paratradução...

exerce o papel de mecanismo *embrayeur* (cf. Jakobson, 1963), situado entre fontes dinâmogênicas que se friccionam e embalam componentes de natureza cultural, social e política.

Situadas entre correntes que sugerem enquadramentos rígidos e aquelas que propõem desconstruções, as demandas em termos de paratradução de textos clássicos antigos apontam para espaços em que objetos e processos não precisam, obrigatoriamente, se conformar a princípios de sistematicidade, posto possuírem natureza elástica e flutuante. Tampouco se conformar a modelos que defendem a impalpabilidade das manifestações abstratas, como é o caso das linguagens de modo geral. A prática tradutória desenvolvida por Mamede Jarouche (2010, 2005) parece ignorar modelos prescritivos e normativos. Seu trabalho se realiza no limbo, paralelo às correntes, local do qual emergem as orientações específicas para que, enquanto autor e tradutor, responda às necessidades imediatas do trabalho paratradutório.

A intertextualidade

Enquanto fenômeno intertextual, conforme observa Vasconcellos (2007), as alusões não indicam suas fontes claramente. Aquelas encontradas nos dois autores traduzidos por Mamede Jarouche (2010, 2005), ou que se manifestam em seus paratextos, podem ser divididas em dois tipos, a saber: (i) alusões com marcadores alusivos; (ii) ou sem marcadores alusivos. Eis um exemplo em *Kalila e Dimna* (2005, p. 285):

Disse o rei ao filósofo: já ouvi esse paradigma. Aplica-me agora o paradigma a respeito do homem que tem bons pareceres para os outros mas não para si mesmo. Disse o filósofo: o paradigma a respeito é o da pomba, da raposa e da garça. Perguntou o rei: e qual é o paradigma deles, respondeu o filósofo: Conta-se que [...]

No primeiro caso, por exemplo, encontram-se

marcadores alusivos como: *Aplica-me agora o paradigma a respeito de [...]*, marcando linguisticamente discurso indireto. No caso de obras provenientes de tradição oral, dificilmente seria possível recuperar as fontes dos fatos narrados. O trabalho de paratradução, todavia, permite considerar as dimensões discursivas, orientando o leitor à compreensão das tramas narrativas.

Kalila e Dimna se configura como uma espécie de monólito amplo e alusivo, composto com vistas a sugerir condutas aos governantes. Redigido à égide de discursos políticos, assumidos por vozes de animais, o texto instaura modelos discursivos, cujas qualidades híbridas das personagens - parcela humana, parcela animal - parece buscar proteger àquele que lança profusões de *syllabus* que, claramente, transgridem as relações hierárquicas do autor com seus interlocutores. Todavia, a exemplo de metáforas cristalizadas, as alusões também se catalisam, tornando tênues, ou mesmo evanescidos, os elos iniciais que mantinham com seus referentes e com os instantes em que as atribuições ainda eram transparentes e passíveis de interpretações diretas. A distribuição geográfica e temporal de obras como *Kalila e Dimna* tornaram o fenômeno do fenecimento alusivo algo recorrente. Para Leppihalme (1997), a recuperação de alusões para a tradução envolve aspectos culturais, textuais e pragmáticos que somente pesquisas aprofundadas podem solucionar. Neste sentido, ao serem tratados nos paratextos, após terem suas bases explicitadas, passam a exercer papel de mediadores, face ao que Leppihalme chama de *Culture Bump* (i.e. Impacto Cultural), ou seja, quando emergem no texto elementos que embaraçam ou impedem a leitura.

Considerações finais

Neste artigo, concatenou-se o referencial teórico de cunho dialógico defendido por Bakhtin (1970), Kristeva (1976, 1974, 1969), Barthes (1973), Riffaterre (1979), Adam (2005), com os postulados pontuais de autores como Berman (2002, 1995), e mais precisamente Genette (2009, 1982). Buscou-se conciliar eventuais oposições a partir das orientações de Bataille (1929) e Yuste Frías (2010). Finalmente, com vistas à demonstração de caso efetivo, considerou-se procedimentos tradutológicos aplicados por Mamede Jarouche (2010, 2005) em seu trabalho sobre as obras: *Kalila e Dimna* e o *Livro do Tigre e do Raposo*. Tal escolha decorreu, por um lado, das relações literárias e históricas entre as duas obras; dos elos entre suas retextualizações – realizadas por um mesmo tradutor – bem como das especificidades dos paratextos apresentados por Mamede Jarouche que, com efeito, exaure – leia-se “ultrapassa” – toda a gama de procedimentos até então conhecidos. Por outro lado, trata-se de uma linha de ação cujas origens remontam ao trabalho de Odorico Mendes e Guilherme de Almeida, caracterizando uma tradição na história da tradução no Brasil.

Referências

- ADAM, J. M. **La linguistique textuelle** - Introduction a l'analyse textuelle des discours. Paris, Armand Colin, 2005.
- BAKHTINE, M. **La Poétique de Dostoievski**. Paris: Seuil, 1970.
- BARTHES, R. **Texte** (Théorie du), Encyclopaedia Universalis, 1973.
- BARTHES, R. **O prazer do texto**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BARTHES, R. **Aula**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. Ed. Cultrix. São Paulo, 2007.
- BATAILLE, G. **Documents**. n. 07, Paris: Dec. 1929/1930.

BERMAN, A. **A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin.** Trad. Maria Emília Pereira Channut. Bauru: EDUSC, 2002.

BERMAN, A. **La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain.** Paris: Editions Gallimard, 1995.

FALEIROS, A. S. **A tradução de poesia no Brasil: a invenção de uma tradição.** Palestra proferida no Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC - Programa de Pós- Graduação em Estudos da Tradução – PGET. Florianópolis, 29 julho de 2011.

GENETTE, G. G. **Palimpsestes.** La littérature au second degré. Paris: Seuil, 1982.

GENETTE, G. G. **Paratextos Editoriais.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

JAKOBSON, R. **Essais de linguistique générale.** vol. I et II, Paris: Ed. Minuit. 1963.

JAROUCHE, M. M. (Org.); ALMUQAFFAc, I. **Kalila e Dimna.** São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

JAROUCHE, M. M. (Org.); HARUN, S. B. **Livro do Tigre e do Raposo.** São Paulo/Madrid: Amaral Gurgel Editorial, 2010.

JAROUCHE, M. M. (Org.). **Livro das mil e uma noites** (vol. 1). São Paulo: Editora Globo, 2005.

JAROUCHE, M. M. (Org.). **Livro das mil e uma noites** (vol. 2). São Paulo: Editora Globo, 2005.

JAROUCHE, M. M. (Org.). **Livro das mil e uma noites** (vol. 3). São Paulo: Editora Globo, 20.

JAROUCHE, M. M. (Org.). **Livro das mil e uma noites** (vol. 4): ramo egípcio + Aladim & Ali Babá. 1a. ed. São Paulo: Editora Globo, 2012.

Tradução e paratradução...

KRISTEVA, J. **Le Texte du Roman** - Approche sémiologique d'une structure transformationnelle. Paris: La Haye-Paris, Mouton, 1976.

KRISTEVA, J. **La Révolution du langage poétique**. Paris, Seuil, 1974.

KRISTEVA, J. **Seméiotike, Recherches pour une sémanalyse**. Paris: Seuil, 1969.

LEPPIHALME, R. **Culture Bumps: An Empirical Approach to the Translation of Allusions**. Clevedon, UK: Multilingual Matters, 1997.

RIFFATERRE, M. **La production du texte**. Paris: Seuil, 1979.

YEE, R. S; SOUZA, R; LIMA, R. **A Ilíada por Odorico Mendes: prólogo inédito da tradução**. Cadernos de Literatura em Tradução. Vol. 11, p. 46-60, USP, 2010.

YUSTE FRÍAS, J. **Au seuil de la traduction: la paratraduction**. In: NAAJKENS, T. [ed.] **Événement ou Incident. Du rôle des traductions dans les processus d'échanges culturels**, Bern, Berlin, Bruxelles, Frankfurt am Main, New York, Oxford, Wien: Peter Lang, col. **Genèses de Textes-Textgenesen** (Françoise Lartillot [dir.]), vol. 3, pp. 287-316, 2010.